



ISABEL S. LABOURIAU
Universidade do Porto
islabour@fc.up.pt

ISABEL LABOURIAU CONVERSA COM

GRACIANO DE OLIVEIRA

Graciano de Oliveira não precisa de ser apresentado aos leitores da *Gazeta de Matemática*, já que foi recentemente editor da *Gazeta* e três vezes presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática. O que talvez alguns leitores não saibam é que ele é autor de 49 artigos de investigação (segundo o *Mathematical Reviews*), sozinho ou em colaboração, e que orientou 11 estudantes de doutoramento, tendo pelo menos 51 descendentes matemáticos contando netos, bisnetos e uma trineta. Vai aqui meia conversa, depois o meu mote e uma linda glosa.

Tudo começou com uma troca de *e-mails* para tentar combinar uma conversa por telefone que seria transcrita para a *Gazeta*. Graciano respondeu que preferia fazê-lo por escrito, para poder pensar e rever com calma o que iria dizer. Mandei uma lista de temas e provocações. Veio a resposta, que não tive coragem de estragar introduzindo perguntas. Enquanto a resposta não vinha, conversávamos por *e-mail*.

E-MAILS

GRACIANO Já comecei a escrever para a entrevista, mas eu sou um bocado lento a escrever. Sempre fui, acho que não tenho jeito para escrever. De facto, não tenho veia de escritor, mas acabará por sair. Que lhe parece? Devido à minha lentidão, não sei quando estará pronta.

ISABEL A minha ideia de telefonar era que você é bom conversador, eu sei, o falado sai mais fácil do que o escrito. Entendo bem, porque eu também sou assim... em matemática, dou um seminário muito facilmente, mas levo séculos para escrever um artigo. Você também é assim em matemática?

GRACIANO Sim, sim, sempre me pareceu que falar é mais fácil que escrever, acho que sou um bocado exibicionista e acho que gosto de ter espectadores por perto!!

ISABEL Acho que “exibicionista” é um pouco injusto. Um dos problemas de redigir é não ter um interlocutor ou imaginar um que seja muito crítico. Falando, a gente sabe a quem está se dirigindo. E o falado vibra no ar e logo desaparece, enquanto o escrito fica. Mas é ilusão: sempre que eu digo alguma coisa errada em uma aula, o danado do erro aparece de volta nos exames.

GRACIANO Logo que possível, eu envio-lhe os textos e até sugestões de perguntas. Acha que posso propor ou sugerir perguntas? É que não me faz certas perguntas porque não conhece (penso eu) alguns acontecimentos da minha vida. Por exemplo, poderia pôr-se uma pergunta a respeito de incursões políticas da minha parte? Que lhe parece? Depois pode selecionar o que achar melhor e juntar ou suprimir perguntas. Claro, podemos também acertar verbalmente.

ISABEL Sugira todas as perguntas ou assuntos que quiser. A ideia é ser mais uma conversa do que uma entrevista. Eu sei que redigir essas coisas é bastante difícil.

GRACIANO É mesmo.

ISABEL Pode ficar mais fácil se for mais interativo: por exemplo, o que você iria pôr sobre incursões políticas?

GRACIANO Bem, a ideia é não ser demasiado monótono falando estritamente só de matemática. Que acha?

ISABEL Acho ótimo, afinal os matemáticos são pessoas, fazem outras coisas também. Fiquei curiosa!

MOTE

Eu queria conversar sobre as mudanças que aconteceram entre os matemáticos em Portugal. Eu estou aqui desde 1983 e noto uma enorme diferença. Algumas coisas estão melhores, outras piores e outras simplesmente diferentes. Tenho a minha lista, mas queria ver a sua antes. Além do mais, eu só tenho informação indireta sobre como era antes disso.

Em Portugal há um grupo enorme que faz investigação em Álgebra Linear, você é um deles, gostaria de comentar?

Em outros países, os matemáticos vão às reuniões das sociedades de matemática deles. Estou pensando nas reuniões da AMS, no British Mathematical Colloquium ou no Colóquio Brasileiro de Matemática. Aqui vão muito pouco, quase só quando são conferencistas convidados. Isto quer dizer que aqui não há um lugar onde os matemáticos se encontrem. Alguma ideia de porque é assim e de como isto poderia mudar?

Sobre o ensino de matemática nas escolas: os programas são muito menores do que eram antes, ou são diferentes?

Como é a vida de um matemático depois de aposentado? Sabática permanente?

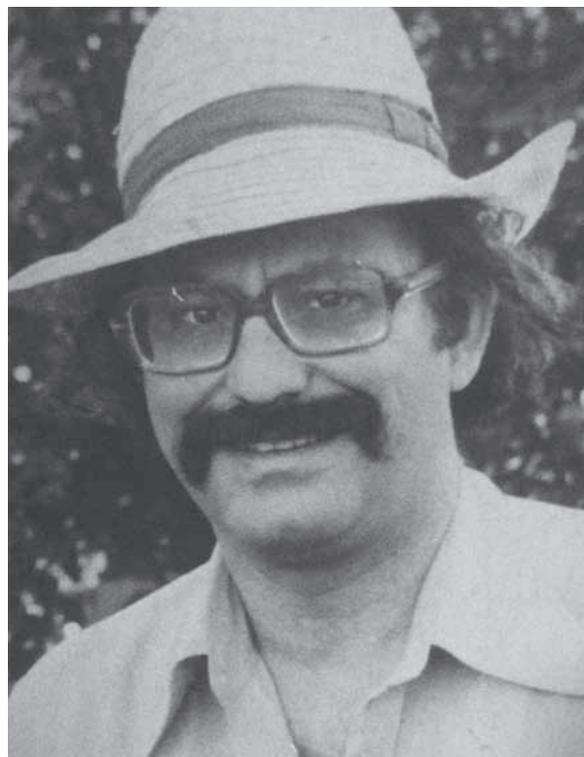
Como foram as suas temporadas no Brasil e em Macau?

Acho que isso já dá um bom começo de conversa, mas se tiver temas e provocações no sentido inverso, mande!

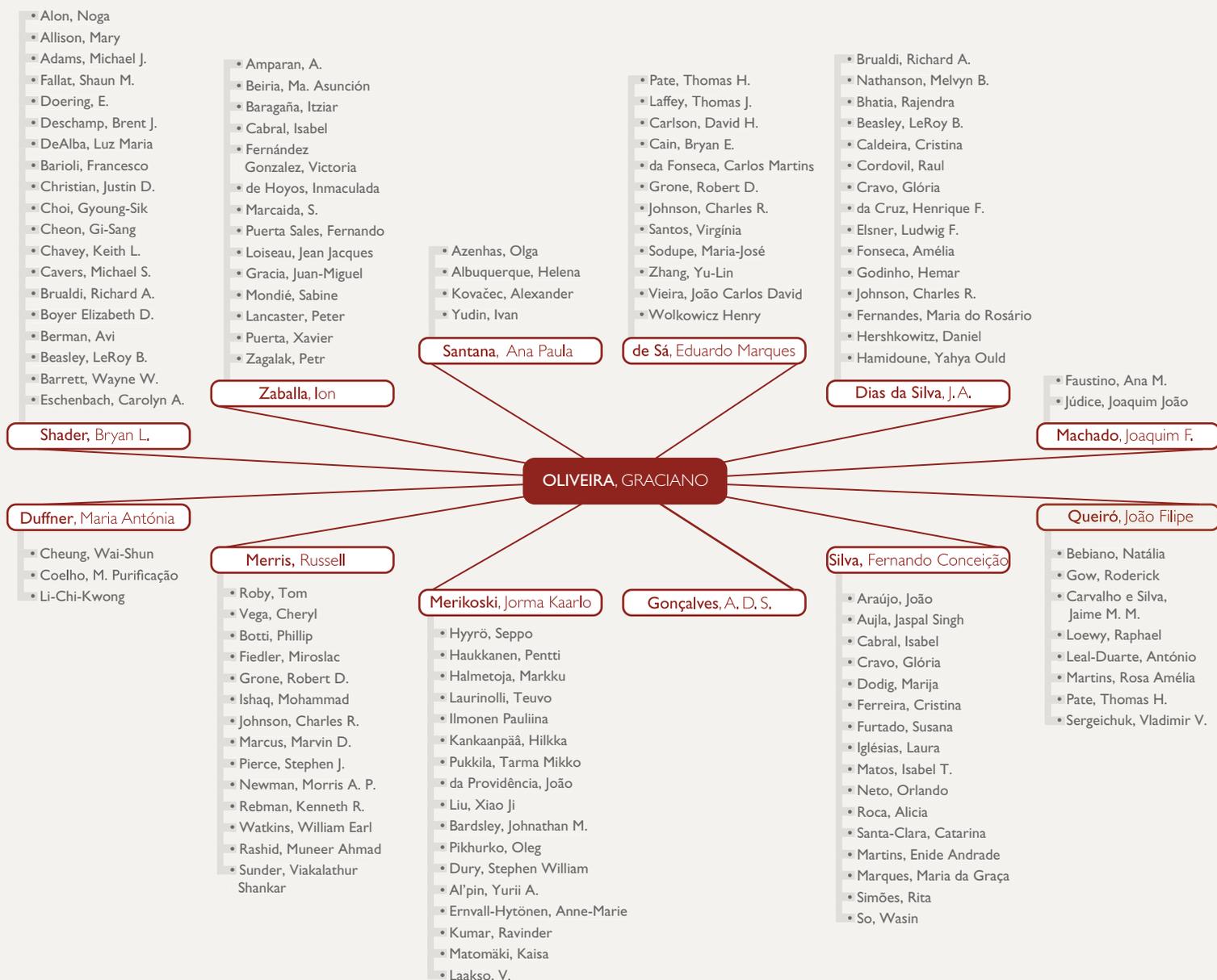
GLOSA

APOSENTAÇÃO Nunca ambicionei aposentar-me. Mantenho-me ativo, embora não tenha a capacidade de outrora. Os indícios de senilidade avançam com rapidez. Mas ainda dou aulas, coisa de que gosto, e leio. Depois de aposentado ainda fui, por exemplo, diretor da *Gazeta de Matemática* por uns anos. Agora estudo matemática despreocupadamente e motivado essencialmente pelo gosto. Agora resido em Lisboa e quero continuar a dar aulas.

O QUE LÊ? Tenho lido, lido não é o termo, tenho de dizer estudado, coisas interessantes no âmbito de Teoria dos Anéis, Corpo dos p-ádicos, Lógica, etc. Fora da matemática, as minhas leituras recentes foram livros de Philip Roth, Paul Auster, Naguib Mahfouz, Cesário Verde, Máximo Gorki e o que me apetece. Só por gosto, não tenho em vista aplicações. Se estivesse no ativo não poderia fazer isto, suponho. Teria de produzir não sei quantos artigos por ano, independentemente da qualidade. À medida que os anos passam leio menos matemática e muito mais literatura. Freqüento os blogues, sobretudo os de carácter político.



Graciano de Oliveira aos 40 anos



Rede de colaboradores de Graciano de Oliveira - coautores de seus artigos e coautores de seus coautores, segundo o Mathematical Reviews em Outubro de 2012.

PLANOS PARA O FUTURO Para o futuro? Talvez ultrapassar (em idade) a professora Pilar Ribeiro ou até passar a perna a Manoel de Oliveira. Depois se verá... Talvez concorra a uma bolsa (se ainda houver) para ir não sei para onde, se calhar fazer tijolo ou qualquer coisa igualmente divertida.

ÁLGEBRA LINEAR Tem-se publicado muita coisa. Refiro-me ao grupo português. Entre o que se publicou encontram-se resultados notabilíssimos. Emprego o superlativo propositalmente, porque são acima da média. Mas não quero citar nenhum aqui porque, para falar verdade, não conheço tudo. Acompanhei até certo ponto, depois já não consegui. Estou a

referir-me a trabalhos de meus ex-orientandos e de orientandos de orientandos, não sei até que geração. Não sei quantos descendentes matemáticos tenho, embora saiba que já tenho bisnetos crescidos. Grande parte deles ultrapassou-me largamente, não só em quantidade (que é o que hoje em dia conta) como em qualidade (que é ao que eu dou importância). Se calhar, exagero, pode pensar-se que ao elogiar os feitos dos mais novos estou a elogiar-me a mim próprio. Se calhar, é verdade. Confesso que não me sinto em boa posição para avaliar, outros que o façam com mais distanciamento.

O grupo de Álgebra Linear cresceu enormemente, é certo. Uma razão de peso era ser possível encontrar cá orientador

para efeitos de doutoramento. Havia quem tivesse dificuldade em se deslocar para fora do país e, noutros ramos, era difícil ou impossível encontrar orientador.

A certa altura, eu próprio pus travões ao crescimento da Álgebra Linear em Portugal.

INCURSÃO PELA POLÍTICA Sim, interesse-me bastante pela política apesar de não ter apetência por cargos políticos, nem sequer dentro da universidade. Para isso é preciso habilidade. Como me interessa o nosso destino, interesse-me pela política já desde antes do 25 de Abril. Eu achava a ditadura insuportável e o atraso de Portugal intolerável. Detestava o país do respeitinho e do “sabe com quem está a falar?”. Em criança não vivi num ambiente que me despertasse para a política. Quando acabei a escola primária, estava convencido do que me tinham metido na cabeça sobre o império colonial português, que era a terceira potência colonial, etc., etc. Mas aos 12 anos os meus pais emigraram para Angola e eu fui com eles. O que vi destruiu de imediato as ideias da escola primária e, sem que ninguém me explicasse, achei que aquilo não podia ser. Ficou para sempre na minha retina o que vi no dia em que o barco onde viajava atracou em Luanda. Foi muito cedo, ao amanhecer... Subi ao convés e olhei para o cais. A fotografia ficou-me na retina (não tinha máquina fotográfica) até hoje. Vi uma mole imensa de pretos (nunca tinha visto tantos juntos) descalços e esfarrapados. Eram os estivadores à espera de começarem a descarregar o barco. Fiquei estarecido com a miséria que aparentavam apesar de, nesse tempo, nas aldeias portuguesas também haver muita. Achei esquisito e bailaram-me (e ficaram definitivamente abalados) na cabeça os conceitos da escola: império, missão civilizadora, etc. Só tinha 12 anos mas pensei que não podia ser e o que presenciei mais tarde, em três anos de Angola, confirmou a primeira impressão.

Pouco antes do 25 de abril tomei contacto com o marxismo-leninismo, que me seduziu e encantou. Passei uns três ou quatro anos em que praticamente só lia sobre marxismo. O materialismo histórico fascinou-me e até me parecia que, para um matemático, era uma doutrina irresistível.

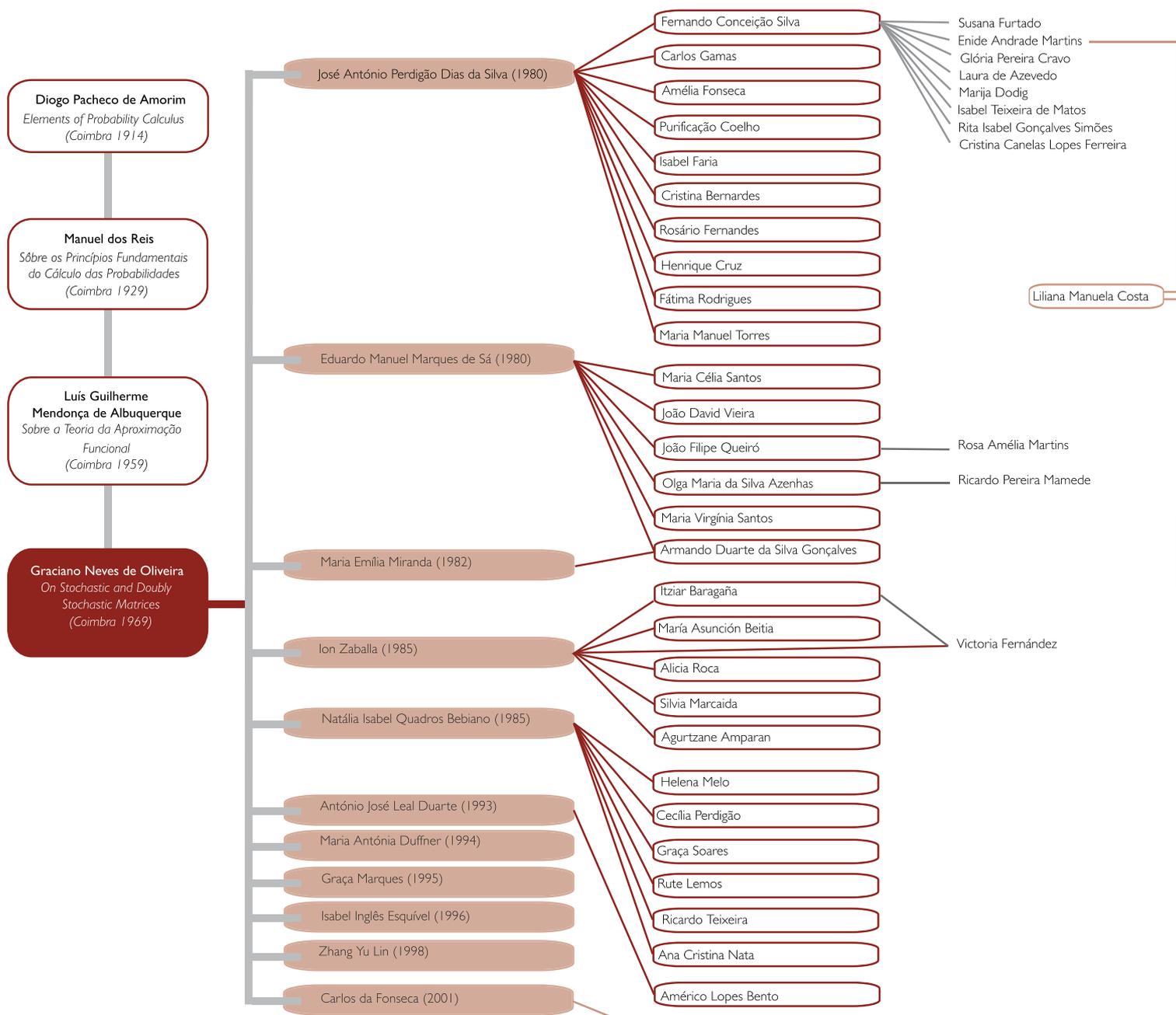
Quanto à matemática, a paixão nasceu em criança. No liceu já sentia uma grande atração mas não sei porquê.

DEMISSÃO Em março de 1969, doutorei-me em Coimbra e tornei-me 1.º assistente (hoje diz-se professor auxiliar). Foi o ano

da crise académica. Tornei-me *persona non grata* e o Conselho da Faculdade decidiu, por unanimidade, demitir-me, apesar da extrema falta de doutorados na época. Fiquei sem emprego. Houve uma tentativa do professor Sebastião e Silva para me fazer contratar pela Universidade de Lisboa, mas falhou. Mais tarde, repetir-se-ia uma cena semelhante com a Universidade do Porto com intervenção do professor Arala Chaves e do professor Coimbra. Senti que a minha carreira académica estava terminada em Portugal: nenhuma universidade portuguesa me queria porque achavam que isso seria uma desfeita para quem me demitira por razões não académicas. Fiquei desempregado e estive com uma bolsa no Centro de Cálculo da Fundação Gulbenkian. Aí congeminei a versão final do meu mais importante artigo (ou *paper* se preferir). Acabei numa universidade brasileira no Recife, Pernambuco, graças à intervenção do professor Ruy Luís Gomes que também lá estava. Mais tarde regresssei e entrei na Universidade de Lisboa. Foi o professor Almeida Costa quem dinamizou essa entrada.

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA Não me identifico com os valores da direita. Nem com as ideias neoliberais, privatizações, etc. Nem com a sobrevalorização da competitividade em relação à solidariedade. A submissão da política ao mercado e à finança não me agrada. A desvalorização da ideologia horroriza-me. Detesto o Governo que elegemos (eu não contribuí). Isso não significa que do atual ministro, que conheço há alguns anos, não possam sair coisas positivas. Por exemplo, na questão do eduquês. Conhecem-se as opiniões de Nuno Crato. Não sei se terá poder para levar por diante as transformações que preconiza. Talvez consiga, e isso pode ser muito positivo e dar-lhe lugar na história como o ministro que acabou com esta brincadeira. Por outro lado, espero que não prejudique gravemente a escola pública nem ajude a aumentar o desemprego dos professores. Não aprovo a dicotomia prematura entre carreira académica e profissionalizante. Espero que não destrua a investigação, que chegou a um nível muito difícil de conquistar, por causa de um orçamento que causa calafrios. Há demasiados cientistas a abandonarem o País.

AVALIAÇÃO Nunca simpatizei com o processo de avaliação. Pareceu-me sempre um processo demasiado burocrático e eu nunca gostei de relatórios nem de preencher impressos e questionários que se destinam mais a enfeitar estantes do que



Genealogia matemática de Graciano de Oliveira: orientandos a laranja, e descendentes, incluindo uma trineta. Começamos com dados do *Mathematics Genealogy Project* e fomos completando a informação. Com certeza faltam muitos netos e bisnetos. A primeira bisneta, Susana Furtado, doutorou-se em 2000. A primeira trineta, Líliana Manuela Costa, que também é neta, doutorou-se em 2012. Quem tiver mais informação pode enviá-la para completarmos o quadro, ou, melhor ainda, pode incluí-la no *Mathematics Genealogy Project*.

a serem lidos (felizmente). Recordo-me sempre de incidentes da minha infância (que me traumatizaram para toda a vida, como hoje se diz) em que tinha de preencher impressos e, no fim, havia sempre algo que não estava bem, faltava um carimbo ou selo branco e uma assinatura tinha de ser reconhecida. Eu tenho a mania do estudo e disponibilizar-me para ser avaliado parecia-me uma enorme perda de tempo. Só obrigado. Já fazer trabalho de *referee* ou de *reviewer* para

a *Mathematical Reviews* ou *Zentralblatt* agradava-me. Preferia até participar em júris de doutoramento ou de concursos. Tinha de estudar e era o que eu já fazia por dever da profissão que escolhi. A avaliação implica uma grande perda de tempo, inclusivamente para os avaliadores. Quando começaram a avaliar pelo número de artigos (que passaram a ser chamados *papers*) desanimei definitivamente e nunca mais pude ouvir falar de tal coisa, fiquei com um traumatismo vitalício.

Custa-me a crer que pessoas inteligentes acreditem nos índices que por aí abundam. Alguns são uma brincadeira.

FUNÇÕES Nunca senti muita inclinação para o desempenho de funções políticas ou administrativas na universidade. Até tinha uma certa aversão, hoje acho que exagerada, por certos cargos que me pareciam necessitar da leitura de dossiers sem graça. Nem teria habilidade para desempenhar cargos políticos, penso. Só senti vontade de ser Presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática, o que consegui por três vezes, em 1986-88 depois em 1996-98, e finalmente de 1998 ao ano 2000, Ano Mundial da Matemática. O biénio de 1996-98 foi precedido de umas eleições animadíssimas e disputadíssimas. Chegou a haver uma Assembleia Geral (normalmente os participantes não chegavam à dúzia) em que o salão era pequeno para conter todos. Confesso que nunca entendi o fenómeno mas alimentou o meu ego. Fora essas, as eleições costumam ser uma sensaboria.

DO QUE GOSTEI MAIS Provavelmente, de ter sido presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática. E de ter sido *dean* da Faculty of Science and Technology da Universidade de Macau e de aí ter contribuído para o início da participação de Macau nas Olimpíadas Internacionais de Matemática. Ainda hoje torço pela equipa de Macau. Para presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática senti apetência, para *dean* em Macau não. Desempenhei o cargo por mero acaso. Mas gostei imenso.

Outras coisas de que gostei: (i) do 25 de abril e do período que se lhe seguiu; (ii) no âmbito profissional, deixe-me pensar. Fiquei feliz quando consegui a primeira aceitação de um artigo, quando pela primeira vez fui convidado para *main speaker* numa conferência internacional, quando fui convidado para o *editorial board* da Linear Algebra and its Applications. Também achei graça quando fui eleito (não esperava ganhar) vice-presidente da International Linear Algebra Society. Por acaso, eu ando quase sempre feliz mesmo quando as coisas correm mal, como, por exemplo, quando em 1969 fui despedido pela Universidade de Coimbra. Aí senti-me um herói.

E já agora, do que não gostei? Não me lembro bem. Senti uma espécie de desfalecimento quando fui provido definitivamente e quando requeri a aposentação.

MELHORES E PIORES No nosso país, as coisas estão melhores em muitos aspetos. Quando eu era jovem, muitas crianças não iam à escola ou iam só por três ou quatro anos. Muitas andavam descalças, sujas e esfomeadas. Muitas casas, sobretudo nas aldeias, não tinham água nem eletricidade e chuveiro, com ou sem água quente, não se sabia o que era. Muito poucos, pouquíssimos, entravam na universidade.

Na escola e na universidade muito mudou. Quando eu fui aluno da universidade e assistente, não se sabia praticamente o que era isso de investigação. A Universidade de Coimbra tinha e tem uma ótima biblioteca, mas as revistas permaneciam serenas e intocáveis nas estantes. Doutoramentos só, ou quase só, no estrangeiro com uma bolsa. A maior parte dos professores confessava-se incapaz de orientar para um doutoramento, e com razão. As licenciaturas tinham estrutura idêntica em todas as universidades. E universidades, só em Lisboa, Porto e Coimbra. Salvo raras exceções os programas eram antiquadíssimos. Podia chegar-se ao fim da licenciatura sem nunca ter ouvido palavras como isomorfismo, bijeção, topologia, espaço vetorial, grupo, anel, relação de equivalência, etc. Eu dizia que a licenciatura era à base de calcular derivadas e primitivas e o famoso integral do osso.

Recentemente algumas coisas pioraram, ou melhor, eu não gosto delas. As atividades de pós-graduação burocratizaram-se, os professores tendem a perder autonomia. Eu fiz coisas que hoje só são possíveis com montes de impressos, pagamento de propinas e relatórios. A mania da pedagogia irrita-me. Às vezes, certos professores parecem-me masoquistas com o que defendem e apoiam.

Bem, globalmente, no que respeita ao ensino superior e investigação, o progresso foi, apesar de tudo, de tal ordem que nem vale a pena comparar com os aspetos negativos. Hoje o que se ensina na licenciatura é idêntico ao que se ensina em qualquer outro país. E a pós-graduação, a investigação, etc., não nos envergonha, suponho eu, atraindo até estudantes estrangeiros, o que dantes era inimaginável.

ENSINO DA MATEMÁTICA NO SECUNDÁRIO Não me considero muito bem preparado para responder... não tenho experiência de ensino de adolescentes. Mas tenho a ideia de que a exigência decresceu consideravelmente. Não tenho a menor simpatia por aquilo que Marçal Grilo chamou eduquês. Parece-me que não se incute nos jovens a ideia de que só com



trabalho árduo se aprende. E que a memória é importantíssima. E que em matemática é impossível progredir sem dominar bem o que está para trás. Generalizou-se a ideia de que as crianças e os adolescentes são uma espécie de deuses a quem todos devemos respeito. E que eles pouco respeito devem aos professores. Se se contrariam...traumatizam-se para toda a vida. Dá vontade de rir. E parece que se pressupõe que não têm maturidade para terem noção de ética ou de dever. Deveres, só os professores têm, a começar pelo de motivar os alunos e o de prestar contas aos paizinhos. Apesar de tudo e comparando com o meu tempo, acho que se deu um grande salto em frente. Nos últimos 30 anos Portugal fez o que outros fizeram em 60.

ESTADA EM MACAU Adorei. Por várias razões, incluindo a gastronómica. Pelo contacto próximo com gentes das mais variadas origens. Também viajei muito pelo Extremo Oriente e passei a ter uma visão do mundo muito menos eurocêntrica. À China fui tantas vezes que perdi a conta. A primeira vez fui a pé. Cheguei às Portas do Cerco e, zás, atravessei a fronteira e vi-me em Gongbei, na mítica República Popular da China. Visitei Cantão, Pequim, Xian, Xangai, Kunming, Hangzhou, etc. A maior parte das vezes fui como matemático fazer seminários em universidades. E visitei muitos outros países, do Vietname ao Nepal, da Índia à Malásia, na qualidade de turista.

CHINA Fiz muitos esforços e procedi a inúmeras diligências para fomentar as relações científicas entre Portugal e a China. Os chineses mostraram-se muito recetivos. Sempre que visitava uma universidade, rodeavam-me muitos estudantes pós-graduados. Mostravam grande anseio por virem fazer uma pós-graduação fora da China. Não resultou apesar disso. Mas registo como resultado positivo a vinda para Portugal de uma minha orientanda chinesa, professora Zhang Yulin, hoje professora auxiliar da Universidade do Minho.

ESPÍRITO ASSOCIATIVO Entre nós o espírito associativo não me parece muito forte. Portugal tem enfermado de um razoável atraso científico, por isso muita gente achava que coisas de nível elevado, só no estrangeiro. Portanto, não valeria a pena perder tempo em atividades portuguesas ou mesmo de colaboração com espanhóis. Além disso, no tempo da ditadura toda a associação era mal vista, melhor, perseguida. A Sociedade Portuguesa de Matemática foi fundada em 1940, mas só conseguiu legalizar-se em 1977. E acho que entre nós há a ideia de que o que dá prestígio são os cargos que emanam do Estado. A Sociedade Portuguesa de Matemática não emana do Estado... ser reitor ou simplesmente presidente de um departamento parece ser mais apetecível, suponho eu.

Eu sempre pensei que além das relações com outros países, a atividade interna deveria ser promovida. Por isso fui Presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática por três vezes (no primeiro mandato, os estatutos chamavam-me secretário-geral). Foi dos cargos que mais gostei de desempenhar. A começar pela minha eleição em 1996, que foi agitadaíssima e me deu muito gosto. O caso terminou em tribunal e até hoje não percebi a razão da agitação, o que só prova a minha falta de inteligência para estas coisas. Tanto mais que quem se me opunha eram pessoas de elevadíssima craveira intelectual (com uma única exceção). Cedo reconheci a minha falta de inteligência política e por isso não me candidatei a outros cargos. Deu luta e, na altura, eu era suficientemente jovem para gostar. À distância, acho que foi positivo. Por um lado, chamou a atenção para a existência da Sociedade Portuguesa de Matemática, por outro, ajudou a incutir a ideia de que a Sociedade Portuguesa de Matemática não era um grupo de amigos que faziam o que lhes apetecia, espírito a que sempre me opus. Havia que cumprir a lei.